

# INTENSIVISMO

— Vanguarda Literária Mato-grossense —

Cristina Campos

## APELO À MORTE

*Dias da Cruz*

A solidão pasta  
distráida em mim.

O olhar repassa  
a fartura podre.

Sou razão para pedra e cal.

Da música  
síncope de metal  
escorrem gritos pesados.

*Dias da Cruz*

## NOVO CREDO

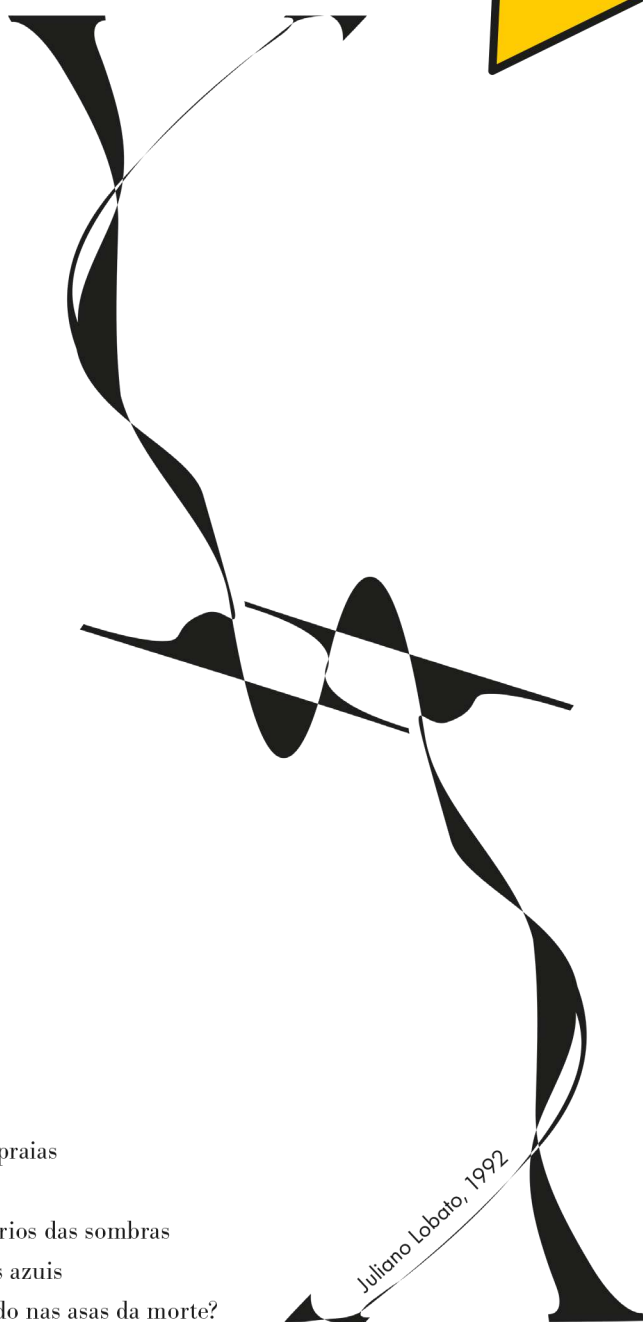
*Dias da Cruz*

A chuva oblíqua não me afunda:  
esgoto-a em minha sede.

## REFLEXÃO

*Dias da Cruz*

Ainda que eu não chore o sabor das praias  
peixes e algas  
Ainda que eu não movimente os delírios das sombras  
Ainda que eu não penetre nas rochas azuis  
— Quem supliciará meu sono renovado nas asas da morte?



Poemas imersos em aromas engenhosos. . .

Regina Pouchain

## FRUSTRAÇÃO

*José Lobo*

A flor murcha  
caiu sem dar fruto.

A jovem virgem  
morreu intocada

e o verso modelo  
ficou sem palavras.

## PEDRA DO MURO

*José Lobo*

Fala pedra!  
Quero ouvir-te a história.  
Conta-me as coisas  
que enfeitaram teu caminho.  
Recorda comigo  
regatos cantantes  
ladeiras roladas  
campos floridos. . .  
Barulho de pés  
de roda  
de cascos  
fazendo em pedaços  
as pedras irmãs.  
Fala pedra!

## PRÉÂMBULO AO PNEUMOTÓRAX

*José Lobo*

“ . . . a única coisa a fazer é  
tocar um tango argentino.”

Manuel Bandeira

Ria,  
ria, ria.  
Engasgou, tossiu,  
tossiu, tossiu.  
Escarrou sangue.  
Levou um susto.  
Passou mão na boca,  
era sangue.  
Olhou de novo  
– Sangue –.  
O lábio tremeu,  
fez uma careta,  
chorou.

## TATO

*Wladimir Dias Pino*

A transparência dessa sede  
o que retesa as sombras como um medo.

.....  
Nuvens beliscando o perfil das coisas.  
Trapézio com seus dentes catando.

.....  
( Músculo transparente  
cortado de voos )

Teto como uma ilha,  
essa flexível escada de corda.

## GALO

*Wladimir Dias Pino*

O galo é sempre perfil  
como a espada.

Rebitado não de medalhas,  
mas de olhos sangrando, íris  
de afiadíssimas lâminas.

Ei-lo mineral: diamante!  
Onde o cômico das cores?

Recortado na manhã  
e coroado com um feixe de ponteiros rubros.

Não anda; espera  
enquanto o canto dos outros galos  
lapida as suas esporas.



Wladimir Dias Pino

**A flexibilidade do infinito andando sobre pedras. . .**

*Wladimir Dias Pino*

# O acaso é uma intervenção.

Regina Pouchain

## HÁ A SOLUÇÃO

L. L. Brito

Basta que todos comam,  
sem contar ou chorar o que comem,  
e haverá alegria de viver.  
Que todos usem roupas certas nos tempos certos  
e haverá conforto e prazer.  
Que todos tenham casa (padronizada ou não)  
com quintal e haverá crianças, frutos e jardim.  
Que todos trabalhem para todos  
e haverá irmãos em paz.  
Que todos leiam e escrevam  
e haverá luz no caminho.  
Basta que todos vivam assim trabalhando sem senhores,  
comendo satisfeitos,  
vestindo certo  
e conhecendo o belo  
e haverá gente de rosto suave como a brisa,  
de coração tranquilo como a face serena de um rio,  
amorosa e humana como os sábios e os poetas.

## 16

L. L. Brito

Lâmina oxidada  
dentro da noite  
é o que eles são,  
meus irmãos! . . .  
E nossa salvação  
na passagem do caminho  
está em seguirmos a Estrela de Sangue  
e combatermos a treva  
que nos cega! . . .

## POEMA

Silva Freire

Os ouvidos (derivação de túneis) do poeta insepulto  
são recolhidos à respiração dos grilos. . .  
Não há cristal partido durante a música dos grilos.  
De um azul sem nome foi feita  
a cor da tísica (incorpórea) de que morreu ágil poeta.  
Os grilos se repetem e se libertam pelas  
janelas de espelhos inconsúteis.  
Mas a noite borrifou de flores o túmulo das artes.  
A tosse não belisca mais o homem que se lançou no mar. . .  
– a tosse é líquida. . . flutuação de esperas. . . –

. . . . .  
A posição do poeta tísico é aquela  
igualdade histórica promovendo linhas sem o ar de espaços. . .  
Daí, ó, moço recostado na doença!  
Teu ser é fuga repuxando a vida;  
em tua face resvala o mundo que desnuda a sombra;  
teu olhar, poeta-longe, é um cálculo  
de espinhos  
machucando a liberdade do meu tato.



## POEMA, QUASE POEMA

Silva Freire

Rol de pecados semanais  
e autógrafos de lábios  
o que entrego ao tato da lavadeira muda,  
e fica pensando em mim  
os monogramas inchados sob  
a água-sabão corrente.

Enquanto a roupa ausente se enfraquece  
eu me envelheço de memórias numéricas.  
Durmo o desespero-azul de amaciar  
a intimidade da criança acorcundada  
– filha universal da lavadeira minha, muda.

Meu suor ficou torcido no sangue das espumas,  
desejos de cactos  
e rodilhas de lábios desmaiando.

A água aterra sempre  
e bem no fundo sempre  
os defeitos da amante, pendurados em nossa roupa, quase.  
Sinto nossa vaidade se prolongando à flor do rio:  
– Cabelos dela choleando outras ondas.  
– Hálito meu guardando espelhos,  
aquela posição de guia.

.....  
Somente o instinto ficou secando no coradouro,  
poluindo na pedra, seca.  
Sexo! Ó sexo! Meus segredos te confio num cochilo  
entre abraços de peixes,  
lágrimas de árvores pendidas,  
“piado” de grilos,  
talvez, passadas de gente  
e animal pisando em água-sabão corrente.  
Minha roupa, coradouro, pássaro azul pescando, paisagem.

## DISTÂNCIA DISFARÇADA EM MIM

Silva Freire

I  
Homem nevado de lonjuras, o que sou.  
Despaisado numa distância triangular:  
– você, nosso desejo, eu.  
Ó mapa de estradas irregressáveis (!),  
sem encontro, sem volta para o colo da amada descoberta.

II  
Despaisei-me (suficiente) para ter direito  
em outros mapas, e buscé-la.  
Mas tudo lonjuras, ausência de novo. . .

III  
Hoje, então, regressarei à pátria,  
e repartirei o poema  
com as portas dos mercados anoitecidos,  
com as esquinas que encompridam no meu corpo.  
Convidarei um pária para bebermos  
(farra eterna)  
um sol de flores em homenagem ao desencanto da amada.

IV  
Ela surrealizou-se no comportamento de todos os mapas.

## AMANHECER

Amália Verlangieri

Uma barra vermelha exsurge no horizonte,  
como brasa que se abre levemente. . .  
Então, o azul do céu se torna mais intenso,  
bebendo as névoas brancas lentamente.

Mil vozes bramam, gritam e se perdem no espaço  
por entre o azul do céu e o verde matagal. . .  
As sombras dissipadas, céleres, se afastam,  
e aparece no céu uma réstia de coral.

As vidas que pululam, sob o solo  
cheias de Força, saltam e rebentam da terra. . .  
Verdes ervinhas, frescas, úmidas de orvalho,  
brotam, e a esparramar vão recobrir a serra. . .

No céu a tênue luz já se transforma em fogo. . .  
E rompe o azul, e a Terra vai acalentar. . .  
Ei-lo! Pleno de ardor, cheio de luz:  
é o sol: vida que volta a palpitar! . . .

A brisa passa e afaga a alta palmeira antiga. . .  
Vergado pelo vento, o coqueiro desperta. . .  
Sacode com rancor, o rio, as suas águas,  
que o bafejo do sol faz novamente alerta.

A luz dourada e clara espalha-se mais fina,  
discretamente, entra, e se infiltra na mata. . .  
Rápido, foge a rã e se escondem os coelhos. . .  
E solta a borboleta, ao léu, suas asas de prata.

A poesia paira no ar por um momento.  
Lutando contra o orgulho, ela tomba vencida. . .  
E titubeando, como trôpegas, às escuras!  
Desce outra vez à Terra e se transforma em Vida! . . .

## POEMA

Amália Verlangieri

Tudo sumiu na distância. . .  
Só meus olhos ficaram mirando  
como duas tochas acesas  
– tudo se perdeu no entendimento obscuro.  
Seus braços cansados, porém,  
continuaram a pedir aquilo que não virá.  
O Tempo aumenta a ânsia  
desesperadora de criar.  
E destrói a criação  
pela incapacidade de sustentá-la.  
Há flores que morrem  
e não chegam a se libertar  
do ventre que as gerou.  
Por isso o esquecimento seria a solução  
para estas janelas que se fecham ao nascente. . .



## **RIQUEZA**

*Newton Alfredo*

Raramente entro no Banco do Brasil.  
Não gosto de assinar ponto em Repartição Pública. . .  
Para quê?  
Se, em cada novo poema que escrevo, ganho o meu dia. . .

## **As ESTÁTUAS**

*Newton Alfredo*

I (Staccatto. . .)

O sol – esse saltimbanco –  
tem o vício de desperdiçar sorrisos de bronze  
no cálice das manhãs.

II (Noturno. . .)

As flores do jardim – liquefeitas pelo luar –  
são sangue despetalando-se  
na noite da face.

III (Adágio. . .)

O gesto – que seria mecânico – (puramente mecânico!)  
imobilizou-se para o século,  
nos olhos da distância.

IV (Finale. . .)

Há um mar de vidas  
verticalizando o silêncio  
entre o pranto da estrela e o calor da medalha.

## **POEMA PARALÍTICO**

*Newton Alfredo*

Um gosto de mármore no sonho líquido.  
Pose (quase face).  
Pássaros de esperança com sabor de silêncio  
e  
de sangue,  
depois da última batalha.  
Nenhum azul para perturbar a árvore estática  
(derradeira indagação para o infinito).  
Um mar de sal enxuga os cabelos para a distração  
[das aves tontas.  
Articulações (sem perigo de ser música!)  
completando a esfinge.  
Restos de bocas dificultando o adeus  
morrem nos olhos frios.  
Monossílabos sem cor, fingindo palavras  
(tentativa de reconstrução),  
branquejam paisagens na memória.  
Anseios-reticências perdendo-se para a rigidez  
do gráfico imóvel desenhando  
desertos.  
Recalques  
desmoronam,  
destroem possibilidades de vida (miragem!).  
Morte.  
Mágoa.  
Protesto  
machucando algema e distância.

## **POEMA**

*Rubens de Mendonça*

A minha vida está tão atrapalhada  
que às vezes penso que não tem mais concerto.  
Só as mulheres feias me procuram,  
só os cães vadios me arroteiam. . .  
Mas como é bom amar as mulheres feias  
e gostar dos cães vadios. . .

## **CHOQUE**

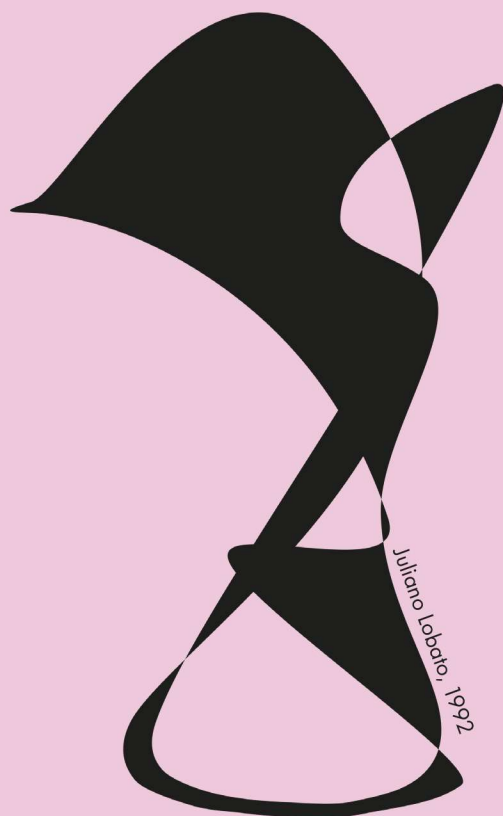
*Rubens de Mendonça*

Imobilidade de um lago;  
silêncio por tudo.  
Uma pedra lançada por um garoto vadio  
caiu na superfície d'água  
como se fora bomba atômica. . .  
Era o movimento,  
abalando nervosamente  
a paralização!

## **GREVE**

*Rubens de Mendonça*

Veio a polícia.  
Houve tiros. . .  
Depois, só ficou um trapo de camisa do operário,  
sujo de sangue,  
como se fosse bandeira vermelha  
a tremular no ar! . . .



## SUBJETIVISMO

*Othoniel Silva*

ERA UM RAIO X  
PARA A ÁGUA  
A SOMBRA QUE LHE ATRAVESSA O VOLUME  
P O U S A N D O  
(COMO UM GRANDE PÁSSARO)  
NO FUNDO DA PISCINA

## ALMA DAS RUAS

*Othoniel Silva*

Alma das ruas. . .  
Que te quedas às esquinas,  
sob o luar  
e dos olhares melancólicos  
das mulheres belas! . . .  
Alma das ruas. . .  
Que sentes no frou-frou  
das vestimentas alegres  
da juventude  
a inspiração dos teus insatisfeitos  
sonhadores! . . .  
Alma das ruas. . .  
No teu ziguezaguear contínuo  
como mariposa,  
na busca extravagante da tua  
áspide,  
sequiosa de estraçalhar-te  
a ventura de ser. . .  
Alma das ruas! . . .

## CIGARRO

*A. Costa*

Cigarro. . . Fumaça ao vento,  
correntes do pensamento  
em giros pela amplidão.  
Cigarro. . . Flocos de neve,  
volutas de gaza leve,  
bafejo do coração.  
Cigarro. . . Fumo, miragem,  
sombra errante na paisagem  
do infinito mundo em fora.  
Cigarro, consolo triste,  
recordação que persiste  
num sentimento que chora.  
Cigarro. . . Fumo esvaído  
pelo espaço compelido  
ao sopro da ventania.  
Companheiro da amargura,  
da tristeza, da ventura,  
da saudade e da alegria.  
Cigarro. . . Fumo, veneno  
dos meus tempos de pequeno  
consolo de uma paixão.  
Na espiral duma fumaça,  
vi subir quanta desgraça,  
vi morrer quanta ilusão!

## SERRA PELADA

*Aclyse Mattos*

Pica  
reta  
Pica  
dura  
maleita miséria fartura

## SILVA FREIRE

*Aclyse Mattos*

20 convidá:  
60 aí  
70 ler  
100 palavras

Cada caderno de poesia  
cajueiro, cardume, olaria  
Dom Bosco,  
Mixto, esportista  
Niemayer de Brasília verbais  
Beatle de viola de cocho  
cronista de festa infinita  
bugrinho  
cuiabano  
tchá  
por Deus

A

garça  
e  
s  
t  
i  
c  
a  
-  
s  
e  
toda  
olhos e  
atenção  
quando  
costura  
mais um  
peixe no  
lago  
b p  
o r  
r e  
d g  
a a  
n n  
d d  
o o  
bot ões

*Aclyse Mattos*

## **BAGRE / BAGRE**

*Wilson A. Coutinho*

– Bagre – preguiça da mordomia aquática do dourado cuiabano.  
Acho que é isso o que consta dentro da história social e ictiológica desta terra.

Bagre – vento frio e cortante que parte / partido na correnteza,  
subindo de teimoso, no contexto de rios e ceveiros.

Ah! Poeta! O bagre é o farelo da farinha desfeita nos caminhos piões,  
no caminhar da goela / estômago e a parte anatômica do ser humano. . .  
Ih! Ih! Ih! Ih!

O bagre não é o caminho, é a boca aberta esperta / espera de quem não tem, mas quer.  
O bagre não enche, mas faz parte constante, presente de nosso apetite cotidiano.

Então, eu falo, tu falas, ele já não fala (ih! ih! ih!), da cabeça não existe caminho,  
nem a imposição do pensar, está tudo acima da barriga e do aspecto.

Viva somente o bagre. Na enchente, ele é o reflexo da necessidade;  
na vazante, ele é o precioso do proletariado, enfim aspecto da cultura  
ou cultura desta Cuiabá despersonalizada do momento.

Viva a cabeça e o bagre! A união é o pirão do futuro.

De futuro apenas um item a mais na agricultura celeste de estrelas apagadas  
pelo marasmo bizantino, chunchuns e sauás, que se entregam ao tanque  
por ter medo do rio aberto, infindo, caminhos inexplorados  
e semioses que se abrem, mas esperam o salto, o gesto,  
o passo de se fazer presente.  
O pirão é a possibilidade de quem sente.

Então, viva o produto dessa atmosfera passiva:  
**CABEÇA DE BAGRE!**

\_\_\_\_\_  
(título)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

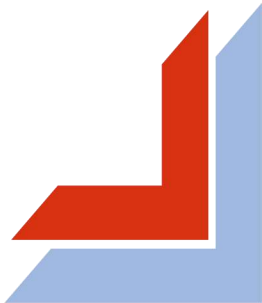
obs.: faça seu poema preenchendo  
os espaços em branco.

*Wilson A. Coutinho*

## **FOTOMETRIA / DEMOCRÁTICA**

*Wilson A. Coutinho*





José Lobo, em sua  
chácara na estrada do  
Manso, conversando  
com Wladimir Dias  
Pino sobre Literatura,  
em 1995.



## INTENSO VISTO — MANIFESTO

Cristina Campos

Para Wladimir Dias Pino

Os fenômenos nos ‘aparecem’  
infiltrando-se pelas fendas dos sentidos,  
turbilhonando-se num inconsciente-usina,  
a mescalizar-se por distorções contrastivas  
— agigantamentos e reduções —  
de lá expelidos sob enxames-cardumes-alcateias-incêndios de imagens  
indicotomizáveis por efeito de velocidade,  
símbolos (logo)marcas do *Homo sapiens demens*.

Menos a arbitrariedade sígnica da palavra-cadeia  
(superlenta expressão do perceptível);  
ao invés, sua potência imagética,  
polissemia geradora de símbolos-rizomas  
a brotar do inconsciente em constelações caleidoscópicas  
num pluri espaço-tempo.

### Expediente

© Cristina Campos, Cuiabá-MT — 2021.

Projeto Gráfico e Tratamento de Imagens



LinkedIn  
Doriane Miloch



Instagram  
entre\_livros\_e\_gatinhos

  
Carlini & Caniato  
editorial



**Biblioteca  
Digital do  
Intensivismo**

[www.intensivismo.com.br](http://www.intensivismo.com.br)



**Acesse-me**

REALIZAÇÃO:

Lei Aldir  
Blanc em  
Mato Grosso

SECEL  
Secretaria de  
Estado de Cultura,  
Esporte e Lazer

Governo de  
**Mato  
Grosso**

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO

 **PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL